

Experiências pioneiras em políticas culturais com a juventude estudantil na rede estadual de educação

Maria Ivanilde Ferreira Nobre*

* Mestre em Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); coordenadora de Projetos Intersetoriais da Secretaria da Educação do Estado da Bahia; professora da Faculdade Baiana de Direito.
nidenobre@hotmail.com

Resumo

As experiências em políticas culturais com a juventude estudantil desenvolvidas na rede estadual de educação, mediante projetos de natureza educativa, cultural e artística, têm destacado a Bahia no cenário nacional pela atuação pioneira nos campos da educação e cultura. Esses acontecimentos trazem à tona alguns elementos essenciais para avivar o debate em torno de antigas questões da educação associadas ao reino da história, da cultura, da arte, da juventude e dos velhos métodos educativos. Eles revelam, ainda, a necessidade de se repensar a escola e a sua democratização, a partir das experiências criativas estudantis nos processos organizativos e educativos, pois o mundo estudantil é autêntico produtor da história cultural. Na contemporaneidade, urge uma nova visão da escola ligada às distintas manifestações da vida cultural.

Palavras-chave: Educação. História. Cultura. Arte. Juventude.

Abstract

Experiences in cultural policies developed with young students in the state system of education, through projects of educational nature, culture and art have made Bahia stand out in the national scene by its pioneering work in the fields of education and culture. These events bring to light some key elements to enliven the debate around old issues of education, associated with the realm of history, culture, art, youth and old methods of education. They reveal also the need to rethink school and its democratization, from the creative student experiences in organizational and educational processes, because the student's world is a genuine producer of cultural history. In contemporary times, it is urgent to get a new vision of the school attached to the different manifestations of cultural life.

Keywords: Education. History. Culture. Art. Youth.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende abordar as experiências em políticas culturais para a juventude estudantil que vêm sendo desenvolvidas pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, por intermédio da Coordenação de Projetos Intersectoriais¹, nos campos da história, da cultura e da arte: Essas experiências têm por objetivo o avanço do conhecimento histórico, artístico e cultural e das práticas culturais na rede estadual de educação, mediante a execução de projetos como A Arte de Contar História(s), Festival Anual da Canção Estudantil (FACE), Tempos de Arte Literária (TAL) e Artes Visuais Estudantis (AVE).

Como é sabido, as análises das políticas culturais no Brasil possuem um caráter empírico e pouco teórico. Este olhar também se direciona, nesse sentido, pois procura descrever as experiências pioneiras na Bahia — a partir de projetos realizados nas escolas, no período de 2007 a 2010, visando ao desenvolvimento das artes nas práticas educativas e de uma formação estudantil com uma nova mentalidade cultural — tendo em vista que um dos traços característicos das políticas culturais contemporâneas é a incorporação da juventude, por se constituir como força organizativa de nossa história cultural, dada a sua condição transformadora.

Embora a execução destes projetos fundamenta-se em autores clássicos e contemporâneos que compreendem, sob diferentes aspectos, as dimensões do teorizar e do fazer artístico e cultural, esta narrativa é fruto da experiência sensível vivenciada, no campo da educação, como professora de Sociologia dessa rede e, mais recentemente, na condição de coordenadora, atuando na construção destas práticas educativas associadas ao reino da

arte. Este novo papel possibilitou a constatação apenas da existência de iniciativas espontâneas e pontuais, necessitando de ações de caráter generalizante, o que possibilitou o encontro, o diálogo e o envolvimento com diversos atores de instituições variadas, resultando na realização destas experiências culturais.

Esta experiência resulta, portanto, das leituras desses autores, que revelam a importância, em todas as épocas, de reinterpretações da história, das mudanças e dos processos de formação cultural, assim como dos debates entre os intelectuais e artistas baianos e os professores da rede. Também é produto dos olhares sobre o cotidiano das escolas, que constataram o potencial dos estudantes e as dificuldades variadas que os professores enfrentam para estreitar as relações com esse universo estudantil.

As constantes reflexões sobre as práticas educativas vigentes, em pleno século XXI, conduziram-me não apenas aos questionamentos dos métodos tradicionais, mas à construção de métodos educativos compatíveis com a realidade cultural contemporânea, a partir da experiência criativa, dada a efervescência cultural nos ambientes escolares. Então, o meu esforço consiste em registrar a memória relativa à construção destes projetos culturais, nesses tempos em que me encontro plenamente envolvida.

Entre os objetivos, pretende-se trazer alguns elementos para reflexões sobre os processos e as bases em que se fundamentam tais práticas: as conquistas, os avanços, os obstáculos e os recuos nesse percurso de implementação destas práticas culturais, que têm como princípio a formação de sujeitos ativos, conscientes de seu tempo, e o estímulo ao processo de criação artística estudantil. Assim, este artigo está estruturado em torno de três seções: 1) questões culturais e os processos formativos; 2) experiências culturais com a juventude estudantil na produção da história cultural baiana; 3) a arte do encontro do criador com a criação.

¹ Esta coordenação integra-se à Diretoria de Currículos Especiais da Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. A equipe é composta por sete mulheres: Antonia Gonçalves, Darcy Mundurua, Fabiane Góes, Fernanda Crescencio, Flávia Deodato, Izabela Kottler e Kátia Letícia, além dos agregados Elisabete Assunção, José Antônio Matos e Mísia Pontes, sob a direção de Paulo Valente.

QUESTÕES CULTURAIS E OS PROCESSOS FORMATIVOS

As reflexões sobre as questões culturais e os processos formativos não se constituem um fenômeno novo. Ao contrário, remontam a longas datas e se constituem objeto de interesses variados de autores de distintos ramos do conhecimento. Por abarcar as múltiplas dimensões do saber e do viver, essa temática, dada a sua complexidade e diversidade, pode ser abordada a partir de distintas perspectivas.

Visões diversas como as de Lukács (2007), Gramsci (s.d), Martí (apud STRECK, 2008), Romero (1979), Benjamin (1994), Sodré (1964), Chauí (2007b), entre outras, ao abordar os traços característicos da ordem cultural, já haviam chamado a atenção para questões dessa natureza associadas às noções da educação, juventude, escola e seus processos educativos e culturais, e ao papel da educação na formação da história e da cultura. Nessas abordagens, há, ainda, reflexões sobre a crise da escola — pelo fato de encontrar-se dissociada da "experiência vivida" — e a necessidade de reorganização desses processos educativos, haja vista que as velhas estruturas não satisfazem as novas exigências sociais.

Streck (2008), ao analisar as concepções de Martí sobre essa temática na América Latina, considera que o autor já havia identificado a necessidade de uma nova perspectiva na educação, compreendida a partir de uma visão ampliada, fundamentada no processo de formação histórica e cultural da sociedade e dos sujeitos históricos que a compõem, assim como na valorização da diversidade social dos povos originários que constituem as "forças naturais" das sociedades tradicionais, ou seja, os índios, os negros e os mestiços. A partir desse ponto de vista, a noção de educação é concebida para o desenvolvimento de todos os aspectos da vida cotidiana e se fundamenta em três eixos: a educação científica, a

educação do espírito e a educação técnica e manual, que abrangem a formação intelectual, ética, espiritual, artística e sentimental dos estudantes.

Nessa perspectiva ampliada de educação, Martí (apud STRECK, 2008) compreende o processo educacional combinado entre as ciências, as artes e os ofícios, constituindo-se, inclusive, como parte essencial da luta pela emancipação da sociedade e como meio para a transição "do súdito ao cidadão". Para ele, o processo de esclarecimento possibilita, ao mesmo tempo, o conhecimento, a defesa dos direitos sociais e o repúdio pelas formas de tirania. Assim, defende uma política educacional de formação para os estudantes, voltada para a educação popular, como um motor de desenvolvimento econômico e social, tendo como princípio a preparação dos sujeitos para o preenchimento de todas as carências, melhor dizendo, para o viver.

Para Streck (2008, p. 40), a visão martiniana de formação "[...] significa a autoformação, no sentido de que uma nação precisa ser inventada ou criada a partir das próprias forças e condições". Ele reconhece, ainda, que a noção de educação em Martí extrapola o espaço da escola, ao conceber as artes, as poesias, as dramatizações, as crônicas, as narrativas históricas, literárias, mitológicas e geográficas, as exposições, os jogos e as brincadeiras como forma de influir para despertar o interesse e o gosto pelos livros, para desenvolver uma vida mais digna e feliz, assim como para exercitar as reflexões sobre o mundo.

Desse modo, o autor entende que Martí apresenta uma perspectiva inovadora das práticas educativas associada aos contextos que denunciam os fatos, anunciam um novo tempo e convidam para a construção de uma pedagogia que se faz ao longo do caminhar, identificando a educação como o "lugar do encontro".

As ideias desses autores possuem, ainda, um caráter de atualidade, especialmente quando se busca refletir sobre a nossa formação cultural con-

A noção de educação é concebida para o desenvolvimento de todos os aspectos da vida cotidiana

temporânea, em suas múltiplas formas de manifestação de sentimentos, de ideias e de ideais de nação, pela sua incrível diversidade e pelo patrimônio cultural de que dispõe. Isso possibilita repensar a escola e suas práticas e os processos formativos associados à vida, aos movimentos culturais e, sobretudo, à arte de viver.

Essas preocupações com as questões da formação cultural da sociedade brasileira, fundamentadas na noção de diversidade e dos processos formativos ampliados, combinadas às perspectivas histórica, científica e artística, podem ser evidenciadas, desde o início do século XX, nos achados de Romero (1979, p. 323), ao considerar que

[...] o estudo, cada vez mais profundo do povo, na sua história, no seu viver sob todos os aspectos, determinará, em todos os ramos literários, a eclosão de elevados ideais, fecundadores da criação. O amor pelos nossos grandes homens, o culto do passado, o entusiasmo pelo presente, serão perenes fontes de eterna inspiração.

Sodré (1964) já havia identificado que Sílvio Romero foi pioneiro nessa abordagem dos estudos folclóricos com formulação literária, ao identificar a arte literária como uma das formas de manifestação da sociedade, quando compreende as manifestações folclóricas, a ligação da literatura com as raízes populares. Ele afirma que "[...] a arte literária deve ter raízes no povo e deve traduzir o sentimento nacional, o ambiente nacional, os traços nacionais [...]", devendo imprimir "[...] a marca de nossa terra e de nossa gente" (SODRÉ, 1964, p. 365).

Na estruturação da vida cultural nacional, em épocas passadas, a arte sempre se fez presente nos processos educativos, nas crenças, nas danças e nos rituais da cultura indígena, africana e na religiosidade dos jesuítas. A princípio, a dimensão artística fazia parte da vida cotidiana, da educação doméstica, dos contextos escolares e religiosos, porém, com a dinâmica das mudanças socioculturais, deixa de ser um componente significativo na vida social e nas escolas.

Entre versos e reversos, em meio às mudanças econômicas, políticas, socioculturais, intelectuais e artísticas, emergem os movimentos culturais de intelectuais, compositores, cantores, músicos, literatos, pintores, escultores, com uma diversidade de produção de canções, modinhas, ritmos, sons, harmonia, melodias, poesias, prosas, romances, pinturas, esculturas, conformando tipos sociais e artísticos, além de gostos e estilos. Com essas transformações, houve alterações nos modos de viver, nos modos do fazer artístico, nas relações sociais, nas concepções, nas ideologias e nos valores artísticos, tornando-se cada vez mais imperativas formulações de novos modos de agir sobre a vida social.

A institucionalização da arte nas escolas, no entanto, é um fenômeno bem mais recente e não acompanha essa dinâmica da sociedade. Somente a partir da década de 1970 despontaram leis (BRASIL, 1971, 1996) que instituíram o ensino de arte, ainda que de maneira restrita em seus múltiplos aspectos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) reconhece a importância da arte no currículo, como um dos princípios da educação nacional que devem ser respeitados, ao considerar essencial "[...] a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber [...]", assim como o "[...] pluralismo de ideias e concepções pedagógicas". Conforme define o Artigo 26, Parágrafo 2º, "[...] o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural obrigatório". Com a Lei nº 11.769/2008, "[...] a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular" (BRASIL, 2008).

Apesar de as leis nacionais orientarem para o desenvolvimento de práticas culturais no universo escolar, a Bahia ainda continua "carente" de políticas educativas que compreendam a história, a cultura e a arte como eixos estruturantes no processo educativo. Evidencia-se que as experiên-

cias culturais são desenvolvidas de forma pontual, a partir das iniciativas espontâneas e voluntárias dos professores e estudantes, sem as condições concretas para a sua institucionalização. Observa um descompasso entre as leis e as práticas, pois o caráter impositivo dessas leis e a difusão das noções de direito à cultura, por si mesmos, não garantem a implementação de políticas culturais nas escolas estaduais.

Paradoxalmente, na contemporaneidade, essas manifestações culturais se expressam e se expandem na sociedade sob a ótica da indústria do lazer e de entretenimento. A lógica da indústria cultural, pautada nos interesses econômicos, no imediatismo do "mercado cultural" e nas iniciativas lucrativas, vem promovendo a padronização de determinados fenômenos culturais, enquanto a produção cultural, entendida em uma perspectiva da criação, fica no ostracismo nos meios de comunicação, resultando em uma massificação de gostos e de estilos.

Diante dessas constatações, restam os seguintes questionamentos: por que ainda predominam as práticas educativas dissociadas de nossa história cultural e, em especial, fora da realidade da juventude estudantil? Por que, apesar dos avanços teóricos e de criação de leis, ainda predominam as velhas formas educativas, que não articulam a perspectiva histórica, científica e artística no processo de formação cultural dos estudantes, como aquelas já apontadas por Anísio Teixeira, há tanto tempo, ao compreender a educação em uma perspectiva de educação integral? Por que não experimentar novas formas de investir na formação cultural pautada nas expressões regionais, com uma "pitada de baianidade"?

A retomada dessas reflexões sobre as questões culturais e os processos formativos propiciou a realização dessa experiência cultural com a juventude, com vistas ao desenvolvimento de métodos que articulem os distintos saberes e as questões operacionais entre esses campos de conhecimento, possibilitando o exercício da cria-

ção e da participação social por intermédio da arte. Tal experiência busca promover o desenvolvimento de processos educativos condizentes com a formação estudantil e a realidade cultural da sociedade baiana, proporcionando o encontro dos estudantes com o seu mundo estudantil, com a sua força juvenil, a liberdade de criação e a capacidade de se aventurar em distintos mundos.

EXPERIÊNCIAS CULTURAIS COM A JUVENTUDE ESTUDANTIL NA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA CULTURAL BAIANA

Autores diversos² constituíram-se fonte de inspiração para essa compreensão das questões culturais contemporâneas e, em especial, para a construção das práticas culturais na rede estadual de educação. A partir dessa compreensão, estas experiências culturais foram estruturadas sob a forma dos seguintes projetos: A Arte de Contar História(s), Festival Anual da Canção Estudantil (FACE), Tempos de Arte Literária (TAL) e Artes Visuais Estudantis (AVE).

A partir das leituras sobre a nossa realidade, partiu-se do princípio de que, na contemporaneidade, a educação não pode ser concebida dissociada das transformações mais gerais por que passa a sociedade, nem separada da esfera histórica, cultural e artística, muito menos da dimensão do viver. Assim, entende-se que educar é um ato político e cultural, uma arte — como concebe Anísio Teixeira em seu artigo *Ciência e a arte de educar* — e implica escolhas de conteúdos, métodos e conceitos. Educar com as linguagens artísticas consiste em uma das melhores formas para se estabelecer uma comunicação efetiva com a juventude e, assim, chegar mais perto de seu universo, desconstruindo

² Alceu Amoroso Lima, Antonio Gramsci, Antonio Cândido, Anísio Teixeira, Carlos Guilherme Mota, Daniel Lins, Flávio Kothe, Ferreira Gullar, Gyorgy Lukács, J. Jota Moraes, José Martí, José de Alencar, Peter Burke, Machado de Assis, Mário de Andrade, Nelson Werneck Sodré, Renato Ortiz, Rubem Alves Sérgio Buarque de Holanda, Sílvio Romero, Walter Benjamin, entre outros.

as formas rígidas de aprendizagem ainda presentes na educação que separa ciência, arte e ofício.

Parte-se, ainda, da noção de que é necessária uma nova configuração da escola, de modo que contemple o direito a uma escola pública de qualidade e inclusiva, segundo princípios e eixos que relacionem a educação à diversidade social, à história e ao seu patrimônio cultural e artístico. Entende-se também que, nos processos culturais e educativos, os estudantes são sujeitos produtores de história e de cultura. É mister a compreensão de que, a essa altura do século XXI, os estudantes não podem continuar sendo vistos apenas como plateia, meros leitores ou, tão somente, como consumidores. No processo de produção e reprodução do conhecimento, eles são sujeitos ativos e participam, efetivamente, da produção cultural da sociedade. Como afirma Benjamin, o leitor está pronto para ler, descrever e prescrever o mundo.

Diante dessas considerações, cabe revelar os processos em que foram instituídas as práticas culturais, demarcando um novo tempo na construção do processo educativo e na formação cultural dos estudantes da rede estadual de educação da Bahia. Foi pensando na produção desse conhecimento, na formação dos indivíduos e na consolidação de um ambiente de encontro, de saberes, de alegria, de entretenimento e de prazer, que se imaginou que projetos dessa natureza tornariam mais significativo o cotidiano escolar, contribuindo para a manifestação de sentimentos, de valores humanizantes, assim como para o intercâmbio entre os estudantes de distintas regiões e culturas.

Trata-se da implantação de projetos pioneiros que estão à frente de outras experiências, inclusive nacionais, por possuir uma perspectiva ampliada em vários aspectos é compreender os estudantes não apenas como plateia e leitores, mas como sujeitos produtores de conhecimento. Esses projetos configuram-se como ponto de partida para o desenvolvimento dos conhecimentos históricos, culturais e artísticos, em suas dis-

tintas linguagens, no currículo escolar e na vida cultural baiana.

A Arte de Contar História(s)

Elaborado em 2007, ao se constatar que a história da Bahia não fazia parte dos conteúdos curriculares, este projeto vem sendo desenvolvido até a atualidade. Ele possui uma natureza específica e distinta dos demais, tanto no conteúdo como na forma. Porém, há nexos comuns entre eles, na medida em que se entende que o conhecimento histórico consiste na matéria essencial para a compreensão do âmbito artístico e cultural.

De Benjamin (1994, p. 205), tomamos de empréstimo o próprio nome do projeto: A Arte de Contar História(s). O autor entende que "a arte de narrar" e a "arte de contar histórias" são essenciais ao processo de produção do conhecimento, pois "[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história". Seguiram-se, ainda, as suas pistas em relação ao entendimento do papel do intelectual, do historiador, do artista, do escritor e dos estudantes como produtores da história e da cultura, que consiste em conceber e imprimir uma nova dimensão de temporalidade, o "tempo de agora".

Com este projeto, pretende-se, portanto, fazer uma releitura dos acontecimentos da sociedade baiana, com vistas à reconstituição de interpretações variadas a respeito da estrutura e da organização da sociedade baiana, dos movimentos sociais passados e presentes e, especialmente, da "história vivida", a partir das experiências dos distintos segmentos da sociedade para garantir a memória social dos acontecimentos socioculturais. Busca-se, assim, reconstituir a história a partir de distintas interpretações desses acontecimentos da vida cotidiana e, com isso, poder despertar para a construção de um novo tempo.

A sua efetivação, entretanto, deve-se especialmente às abordagens e à participação dos intelectuais, dos professores e dos representantes legítimos de distintas instituições da Bahia³ pelas suas visões (crítica e ampliada) e experiências sobre os acontecimentos culturais de nossa terra. Esses autores abordaram as seguintes temáticas: Direito à memória e direito à verdade: tortura e anistia no cenário nacional e na perspectiva dos baianos; Sedição de 1798; A Revolta dos Malês; A Saga de Canudos; Bahia: história, cultura e patrimônio; Irmandade da Boa Morte: história, cultura e resistência; História política da Bahia na construção do processo democrático. Além dessas, foram abordadas aquelas associadas aos personagens de nossa história, a saber: Educação e modernidade: ciência, arte e ofício em Anísio Teixeira; Glauber Rocha: um clássico rebelde; Carlos Capinan: vida e obra em debate.

Essas abordagens privilegiam os aspectos do nosso cotidiano, da história e cultura dos baianos, sem perder de vista os traços mais gerais da história nacional, buscando-se difundir os conhecimentos históricos e culturais e os movimentos socioculturais (as resistências, as lutas, as rebeliões) passados e presentes. A sua difusão é imprescindível à formação dos estudantes e professores, que necessitam se refazer diariamente para a convivência com uma juventude que exige mudanças.

Essa produção vem sendo sistematizada para a publicação, em um grande lançamento da coletânea *Apontamentos do nosso tempo*, que se destina aos professores (história, sociologia, filosofia, arte e língua portuguesa), vistos como mediadores, e aos estudantes da rede estadual de educação. A difusão desses conhecimentos da história cultural baiana no currículo escolar contribui para

³ Irmã Adeildes Ferreira, Irmã Agda Oliveira, Alberto Goulart, Ana Fernandes, Antônio Olavo, Carlos Capinan, Cláudia Santos, Emiliano José, Florivaldo Mattos, Frederico Mendonça, Gey Espinheira, Gustavo Falcon, Iracy Picanço, Israel Pinheiro, Lina Aras, Luís Henrique Dias Tavares, Humberto Alves Júnior, Marlí Geralda, Muniz Ferreira, Paula De Paoli, Paulo Pontes, Sérgio Guerra, Solon Santana Fontes, Tânia Miranda, Ubiratan Castro, Umbelino Brasil, Valmir Pereira, Washington Queiroz, entre outros.

o esclarecimento de acontecimentos significativos de nossa história.

Os três projetos artísticos: Festival Anual da Canção Estudantil (FACE), Tempos de Arte Literária (TAL) e Artes Visuais Estudantis (AVE)

De natureza educativa, artística e cultural, o FACE, o TAL e o AVE envolvem mais diretamente os estudantes. Estes projetos vêm sendo realizados, desde o ano de 2008, a partir de um modelo singular, com algumas nuances relativas apenas às especificidades das diversas linguagens artísticas (musical, literária e visual). Por entender que não há fronteiras entre a canção e outros gêneros artísticos, as múltiplas ações do FACE e do TAL são desenvolvidas concomitantemente, obedecendo ao cronograma (início das aulas do ano letivo até o início da primavera) e respeitando-se a diversidade de gêneros artísticos e as culminâncias, que acontecem sob a forma de festivais e saraus. Já as do AVE são realizadas no segundo semestre do ano letivo, privilegiando-se a criação das artes visuais e as exposições. Mas eles possuem interfaces e se entrelaçam, estimulando o processo de criação artística e cultural dos estudantes. Assim, em suas distintas fases (escolar, regional e estadual), ocorrem os festivais, os saraus e as exposições.

Tal experiência em políticas culturais para a juventude foi concebida, a partir de uma perspectiva ampliada, para acontecer em toda a rede estadual de educação (cerca de 1.650 unidades escolares, na época), em praticamente todos os municípios da Bahia. Dada a sua abrangência em toda a rede, a sua dimensão espacial alcança o interior e a capital do estado, envolvendo praticamente todos os estudantes da 5ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio e equivalentes (Educação de Jovens e Adultos (EJA), ensino normal e tecnológico) em torno de um movimento de criação artística. Envolve ainda, como mediadores, os profissionais da educação, os professores (Língua Portuguesa, Arte e disciplinas afins), os coordenadores pedagógicos,

os diretores das escolas e das diretorias regionais de Educação (Direc) e os técnicos da Secretaria da Educação, além dos familiares e artistas, em um clima de alegria, participação e de integração.

É abrangente, também, em relação à condição de participação e em termos de concepção de experiência criativa, pelo entendimento do estudante como criador, produtor de conhecimento

artístico e cultural. E, embora sejam projetos culturais identificados como sendo para a juventude estudantil, praticamente todos os estudantes, de qualquer idade, podem participar. Partiu-se da noção de inclusão e da necessidade de interação entre as distintas fases de desenvolvimento do indivíduo. Há, portanto, uma mistura de estudantes de todas as idades, desde os 11 anos até os maiores de 50 anos e mais, revelando uma das expressões de nossa diversidade cultural: a diversidade geracional.

Não há definição de temáticas nem de gêneros específicos. Portanto, os estudantes têm a liberdade de abordar as questões que lhes forem convenientes, sejam elas de natureza individual, psicológica, estética, ambiental e social. Assim, a diversidade de temas, de gosto, de gêneros, de estilos e de ritmos está presente e constitui a marca desse encontro com a criação, tanto na arte musical (a música clássica, a erudita, a popular, a brega, o rock, o forró, o pagode, o samba, o samba de roda, o axé *music*, o *rap*, a toada, o repente, a romântica), literária (a prosa, a poesia, o conto, o cordel, a novela), como nas artes visuais (a escultura, a pintura, a colagem, o azulejo).

Entre outros objetivos, pretende-se, a partir destas práticas culturais, desenvolver as distintas linguagens artísticas no currículo escolar, implementar as leis que instituem o ensino da arte e, conseqüentemente, contribuir para a formação intelectual ampliada. Assim, ciência e arte formam um movimento em prol da criação artística e de uma nova mentalidade cultural nas escolas e na vida.

Os estudantes têm a liberdade de abordar as questões que lhes forem convenientes, sejam elas de natureza individual, psicológica, estética, ambiental e social

Para a execução dos projetos FACE, TAL e AVE, também foram realizadas as videoconferências⁴, com o intuito de se estabelecer um diálogo entre os professores da rede estadual, os interlocutores

dos projetos e orquestradores dessas práticas, e os diversos intelectuais, poetas e artistas baianos⁵, reconhecidos, em cada área de conhecimento, pelas perspectivas analíticas, pelo interesse e

comprometimento com as questões educacionais e com os métodos educativos e, sobretudo, com a história cultural da Bahia.

Nesse contexto de construção dessa experiência na rede, foram intensas essas discussões teóricas. Algumas dessas abordagens privilegiaram a compreensão da vida cultural, as transformações por que passam as sociedades e os movimentos da arte no contexto dessas transformações econômicas, políticas e socioculturais recentes. Outras visões conduziram nossos olhares a uma reflexão sobre os lugares que a arte ocupa no universo escolar e na vida cotidiana. Por fim, as abordagens referentes à importância da Bahia, sua história, cultura e patrimônio artístico, seja ele material ou imaterial, para a construção destas políticas culturais para a juventude. Já as discussões específicas relativas aos diversos campos da arte (música, teatro, dança e visuais), os seus respectivos processos educativos e as questões metodológicas no ensino da arte foram enriquecedoras para se refletir sobre as condições concretas e os lugares da arte (no currículo, na escola e/ou na arte de viver).

⁴ Olhares sobre as artes no currículo escolar que resultarão na publicação de dois volumes (no prelo); Diálogos sobre a juventude: prelúdios do FACE; Patrimônio cultural e arte literária; A história e a evolução das artes visuais, em suas distintas expressões, gêneros e estilos (pintura, escultura, arquitetura, fotografia, grafite, cinema etc.), volume 1 e 2 (no prelo).

⁵ Antônio Câmara, Carlos Capinan, Danilo Barata, Edson Calmon, Evelina Hoisel, Geraldo Maia, Graça Ramos, Luiz Freire, Gey Espinheira, Jorge Portugal, Lúcia Matos, Luiz Marfuz, Pasquale Cipro, Paulo Lima, Paulo Monteiro, Paulo Ormino, Reginaldo Carvalho, Tonho Matéria, Tuna Espinheira, Urânia Maia e Zu Campos.

Além desse diálogo, foram realizados os cursos de formação para o aprimoramento dessas questões. O curso de formação do FACE e do TAL foi desenvolvido pelas professoras do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Linguagem (Geling)⁶, juntamente com os artistas e professores da área de música, canto e expressão corporal⁷, com ênfase em leituras de textos, na diversidade de gêneros e na produção literária. O do Ave coube aos artistas plásticos⁸, com vistas à transmissão de noções sobre o método de criação, para a sensibilização sobre a importância das artes visuais nas escolas e para ampliar a percepção do olhar.

A partir daí, desenvolveu-se um conjunto de ações em torno de um movimento em prol da criação artística, visando ao planejamento, organização e estruturação na rede destas práticas. Essas ações incluíam a elaboração dos editais e regulamentos, a realização dos cursos de formação para professores e estudantes, a disponibilização de 99 professores responsáveis por essa estruturação, a sensibilização e o embate com os professores, além dos 33 coordenadores pedagógicos e diretores das Direc, a adesão das escolas, a disponibilização dos recursos, a divulgação e os processos licitatórios para a aquisição de bens culturais (livros, instrumentos musicais, computadores) para a premiação dos estudantes.

A aprendizagem e o sucesso destas experiências devem ser compartilhados com todos os que contribuíram para a sua efetivação e com as instituições com as quais a Secretaria da Educação, em diferentes momentos, estabeleceu articulações e parcerias, a saber: Secretaria de Cultura/Funda-

ção Cultural/IPAC/Museu de Arte Moderna (MAM)/Teatro Castro Alves (TCA); Secretaria de Turismo/Bahiatursa; Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Educação (Grupo Geling)/Instituto de Humanidades, Artes e Ciência; Assembleia Legislativa, Castelo Garcia D'Ávila, Associação dos Artistas Plásticos Modernos da Bahia e o Sindicato dos Músicos. Tais instituições são, em grande medida, responsáveis pelo nosso aprendizado e pelo sucesso destas experiências.

O Festival Anual da Canção Estudantil (FACE)

Mesmo tendo sido elaborado anteriormente à lei que instituiu o ensino de música nos contextos escolares, desde o seu surgimento, em 2008, o projeto FACE foi desenvolvido com sucesso, dada a adesão de mais de 1.000 escolas e o interesse dos estudantes e dos professores. Tal experiência foi concebida para acontecer em toda a rede estadual de educação. Na primeira versão, tanto no FACE como nos demais projetos, foram realizados, em cerca de 310 municípios, mais de 1.000 minifestivais/saraus/exposições escolares, 33 regionais e os estaduais.

O FACE surgiu da inspiração em autores nacionais, cantores e compositores dos distintos movimentos artísticos que marcaram o país inteiro, inclusive aqueles que participaram dos antigos festivais, assim como nas leis que orientam o desenvolvimento da arte no currículo. A partir dessas leituras sobre a temática musical, tornou-se evidente a sua influência em nossa formação. A musicalidade brasileira, desde os primórdios de nossa formação, reflete o ambiente de miscigenação cultural, predominando o "internacionalismo musical" — com a música clássica sob a regência da "aristocracia do espírito" — sobre os batuques, os rituais, as danças e as crenças das camadas populares da sociedade, que expressam sua musicalidade através do samba, do choro, das serestas, das modinhas, das boemias, entre outros.

Para Moraes (2001), não há nenhuma circunstância na vida em que ela não se faça presente.

⁶ Regina Gramacho, Maria Emilia Rodrigues, Rosemary Campinho, Giselly Moraes, Lília Rezende, sob a coordenação da professora Licia Beltrão.

⁷ Álvaro Lemos, Fabricio Vecchia, Ivan Bastos, Manuela Rodrigues, sob a coordenação de Luciano Bahia, além de outros colaboradores e do corpo de jurados e de artistas como Armandinho, Durval Sartorello Leonardo Boccia, Lui Muritiba, Carlos Capinan, Margareth Menezes, Jorge Portugal, entre outros.

⁸ André Barbosa, Ivonete Pacheco, Justino Marinho, Leda Maria Farias e Maria Lúcia Alfaya, sob a coordenação de Edson Calmon. O corpo de jurados do AVE II foi composto por Ângela Veiga Aldo Tripodi, Edvaldo Gatto, Lina Niotta, Marcelo Gatto, Sibeles Mendes, Walter Ganso e Zu Campos.

Quando ouvimos as batidas do coração, no ato da respiração, em um grito, nos pingos da goteira, no canto dos pássaros, nas conversas, nos "barulhos" do dia a dia e nos fazeres distintos emitimos sons e ouvimos algo. Assim, a música se faz presente em nosso cotidiano, no simples ato de folhear um livro. Ainda na perspectiva do autor, a música é vista como movimento, como consciência de espaço e tempo e como parte do processo de desenvolvimento da existência humana, ao se constituir como forma de visão, de percepção, de sensação, de representação, de transfiguração e de transformação do mundo. Partindo-se desse princípio, entende-se que a música não pode ser dissociada da dimensão do viver, do espírito humano, da formação cultural do ser, de sua emancipação e dos contextos de mudanças por que passam as sociedades e as escolas, em particular.

Em épocas passadas, a educação musical fazia parte da educação doméstica, assim como dos contextos escolares e religiosos, mas, com a dinâmica das mudanças sociais, ela deixa de ser componente nas escolas. Já na atualidade, a arte musical passa a ser reconhecida como um direito do estudante e como um dever do Estado em promover esse conhecimento nos ambientes escolares. Porém, há problemas variados de carência de professores e de formação, de escassez de cursos de artes no estado da Bahia e de concursos específicos desse campo de conhecimento e de outros. Faltam ainda tempos e espaços dedicados para esses fins e infraestrutura. Além disso, processos burocráticos engrossam as dificuldades, dada a compreensão dissociada de educação e cultura.

Assim, o FACE tornou-se um projeto essencial para a mobilização estudantil, pois, além de fomentar a criação e a autonomia da produção de saberes, contribui para a criação de um ambiente cultural distinto nas escolas. O projeto envolve os estudantes em um clima de participação e de ale-

gria, no qual a música estabelece elos de agregação entre os estudantes, os artistas, os familiares e a comunidade escolar.

Atualmente, o número de escolas que realiza este projeto, assim como os demais, se mantém em torno de 1.098. A não expansão desse número de escolas relaciona-se ao atraso na disponibilização de professores e de recursos em tempo hábil. A novidade é que tais práticas acontecem em um número de municípios cada vez mais ampliado, que chega a 398 atualmente.

O Tempos de Arte Literária (TAL)

Seguindo o modelo do FACE, o TAL foi desenvolvido a partir de 2009, e a adesão das escolas é levemente inferior à do FACE. Ele também foi construído com base em autores diversos, sejam eles idealistas ou materialistas, que compreendem o fenômeno literário a partir perspectiva da "arte literária", de sua dimensão estética, já que a verdadeira literatura busca refletir sobre determinadas atitudes diante das manifestações culturais da existência. Nessa perspectiva, a arte literária também é entendida não como um fenômeno dissociado da vida, mas associado à dinâmica dos acontecimentos históricos e socioculturais, tal como as lendas, os mitos e a ficção são vistos como parte da realidade social e literária.

Apesar da diversidade de olhares sobre o reino das artes, em distintos momentos históricos, que interpreta e concebe o mundo, ainda predominam, na sociedade e nas escolas, visões abstratas e limitadas em relação à produção artístico-literária nacional, e baiana em especial, e às possibilidades de apreensão e de representação desse mundo. Convive-se ainda com os velhos dilemas, desde os tempos passados até os dias atuais. Há os que compreendem que, em nosso país, houve um processo de democratização da educação, da cultura

e da arte, inclusive da literária, ampliando a participação popular. Já outros consideram que, de certa forma, o que há é a fabricação de uma realidade artificial, uma cultura de passatempo, de entretenimento e simulação do real, melhor dizendo, uma industrialização da cultura. Portanto, o quadro de superação das contradições e das desigualdades sociais, intelectuais e artísticas ainda é algo a ser conquistado, já que faz parte da utopia dos que imaginam a educação como um processo que se delinea todo dia nas experiências cotidianas.

Não se pretende com o TAL apenas o incentivo e o desenvolvimento da leitura, mas, sobretudo, contribuir com a apropriação do conhecimento literário, a criação e a exposição de "produtos literários" estudantis. Esse processo possibilita o desenvolvimento das lutas com e pelas palavras, em seus sentidos histórico e social, e das leituras sobre o mundo. O objetivo é a formação do novo homem e, conseqüentemente, a ampliação das visões e dos horizontes estudantis, nesses tempos de democratização social e literária.

O AVE

Nessa mesma perspectiva, em 2008, foi desenvolvido o projeto de Artes Visuais Estudantis, junto com o FACE, pela sua interface com os demais e por se reconhecer a importância dessas artes no cenário nacional, desde a nossa formação histórica. As ideias de Gullar (2006, p.11) produziram uma química para esta inspiração, quando ele afirma que "[...] não é necessário haver movimentos de vanguarda para que os artistas criem obras de alto valor e para que a arte se renove". O autor revela a importância de se manterem acesas essas tradições culturais, considerando que "[...] a pintura, a gravura e a escultura estarão vivas sempre que haja pintores, gravadores e escultores talentosos para realizá-las", mostrando a necessidade de continuidade das artes visuais (GULLAR, 2006, p. 15).

Assim, a elaboração do AVE deve-se ao seu status historicamente construído em nossa socie-

dade. Na atualidade, essa expressão artística está presente no ato de rabiscar dos estudantes, "pequenos artistas", durante as aulas expositivas, a partir da necessidade efetiva de expressão das formas que conduzem aos voos da imaginação.

A experiência com esses projetos possibilitou voos. Dentre as conquistas, sobressai o enorme volume de criação artística dos estudantes (musical, literária e visual), em salas de aula, sob a regência dos professores, onde são produzidas inúmeras criações artísticas. Além da magnitude destas ações, outras conquistas relacionam-se aos bens culturais que, após a sistematização de toda a criação artística, se materializam sob a forma de livretos. Entre eles, o *Cancioneiro estudantil*, com as canções do FACE, o *Poética estudantil do TAL*, com as artes literárias, e o *Catálogo estudantil*, com as obras de arte visuais do AVE, juntamente com a gravação de CDs e DVDs. Não se busca apenas registrar essa criação em documentos escritos ou em audiovisuais, mas a socialização e democratização desse conhecimento.

Ainda como parte destas conquistas, no ano de 2009, tanto o FACE como o AVE, na versão 2008, foram inscritos na Convocação Nacional: Arte Educação Cultura Cidadania, uma iniciativa promovida pelos ministérios da Educação e da Cultura e pela Organização dos Estados Ibero-americanos e Caribenhos. Então, com apenas um ano de existência, ambos foram aprovados, mas somente o AVE adquiriu o status de projeto nacional, já que foi selecionado como uma das 13 experiências significativas do país e está entre as cinco, na categoria Secretaria, Universidade e Prefeitura.

Embora exista um cronograma definido para a realização dessas ações, em função de demandas externas e internas, surgem outras que também se entrelaçam a elas, como é o caso do apoio a outros festivais de bairros populares ou cidades e a estudantes que participam de eventos diversos. Estudantes com vocação em artes visuais participaram do projeto internacional Blue Label, que faz parte do intercâmbio entre o Brasil e a França. Os

estudantes do AVE participaram do Espicha Verão, em parceria com a Bahiatursa e a Associação dos Artistas Plásticos Modernos da Bahia, além de suas obras integrarem as exposições na Assembleia Legislativa da Bahia. Os do FACE participam do Carnaval de Salvador, no Bloco de Tonho Matéria, e em eventos de instituições diversas. Outros viajam para cantar em corais em outros estados.

Mais recentemente, a partir dessas experiências, foi desenvolvida a ação Direito à Cultura: Simbologias* Musicalidades, um concerto para a juventude estudantil, para a gravação, ao vivo, do Hino Nacional e do Hino ao 2 de Julho, com a participação de 1.500 estudantes da rede, estreitando os contatos com outras instituições e artistas⁹. Ações dessa natureza são essenciais para o exercício do direito à cultura, para a defesa dos valores artísticos, musicais e para as noções de nacionalidade, de independência e de liberdade.

A implantação destes projetos não ocorreu facilmente, nem de maneira pacífica. Não foi tão simples. As maiores dificuldades e obstáculos para a operacionalização destas ações estão relacionados à falta de espaços, de infraestrutura e de professores, à baixa divulgação, ao desinteresse de diretores de escolas, aos preconceitos com o conhecimento artístico, aos processos burocráticos e licitatórios e à entrega dos bens culturais, por parte das empresas. Além disso, os recursos, muitas vezes, não se encontram em sintonia com o cronograma de atividades destes projetos. Um dos problemas diz respeito ao fato de esse tipo de prática ainda não fazer parte da estrutura curricular, apesar de se ter mostrado eficaz para o desenvolvimento das relações sociais com a juventude estudantil. Esses estudantes, na atualidade, mantêm uma relação direta, inclusive, com o órgão central, quebrando os protocolos.

Concretamente, apesar de serem experiências bem sucedidas, ainda há limites e entraves para a

sua consolidação, com implicações para a promoção do conhecimento, dos valores históricos e artísticos e de nossas raízes populares nas escolas. Quanto às possibilidades de consolidação destas experiências, a sua continuidade depende, exclusivamente, de definições políticas para o exercício de práticas culturais inovadoras na rede. Apesar dessas dificuldades, a interação, por intermédio das linguagens artísticas, possibilitou o encontro com a juventude e com as suas visões repletas de saberes e cores. A escola, por excelência, constitui-se como "centro cultural", de criação e de transformação; como "lugar do encontro", lugar do conhecimento e do viver, já evidenciado por Benjamin (1994), Gramsci e Martí. Quaisquer que sejam as suas linguagens artísticas, não importa o tipo, os estudantes revelam impressões semelhantes sobre os fenômenos da vida cultural.

A ARTE DO ENCONTRO DO CRIADOR COM A CRIAÇÃO

Que o encontro deste tempo e lugar formem uma aura de alegria intelectual: que esta aura, conjugando-se à aura dos encontros que existem em seus textos (Walter Benjamin) com outros tempos e lugares, forme uma constelação que possa iluminar e nortear um pouco mais a nossa história (KOTHE, 1991, p. 23).

Como se presumia, o desenvolvimento destas práticas culturais na educação era um processo complexo, no qual se operou uma verdadeira engenharia para a arte desse encontro. Apesar de se saber que, historicamente, a escola é, por excelência, o lugar do encontro, jamais se poderia imaginar como seria esse encontro do criador com a criação, com a sua "obra-prima". Para tanto, foi necessário todo um protocolo, para não dizer burocracia: a adesão de escolas, a matrícula e a permanência dos estudantes nas escolas, a documentação, a inscrição da obra, a autorização de

pais, o termo de utilização da obra, escrita, voz e imagem, a gravação das criações em CD e DVD, entre outros.

O fato mais surpreendente relaciona-se ao real interesse, ao gosto e à participação dos estudantes como sujeitos produtores da história e da cultura, com a efetiva criação das obras de arte. A busca de visibilidade dessa criação em espaços culturais, nas culminâncias dos distintos eventos, sob a forma de festivais, saraus e

exposições escolares, dos regionais aos de âmbito estadual, foi um grande desafio porque os lugares "chiques" para as manifestações artísticas não eram considerados apropriados para as artes estudantis. Mas a criação estudantil rompeu essas fronteiras e foi exibida em teatros, praças, centros de convenções e em outras instituições culturais no interior do estado. Na capital, o FACE aconteceu na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, e o TAL foi realizado no Museu de Arte Moderna. Já as exposições do AVE aconteceram em lugares distintos: a primeira, no Foyer do TCA, e a segunda, no Castelo Garcia D'Ávila.

Para as apresentações dos projetos, promoveu-se, por intermédio dos preparatórios, o encontro dos estudantes finalistas, de todo o estado, com os professores, os artistas e com a cidade e o seu patrimônio cultural¹⁰. Assim, eles celebraram a vida e tiveram a impressão de poder participar da produção cultural desta cidade, cantada em versos e prosas, fonte de sua inspiração. Nesse contexto, despontam outras conquistas culturais pela arte, pois os projetos existentes anteriormente eram pontuais e

se concentravam em Salvador, sem a mínima participação dos estudantes do interior. Entretanto, uma das maiores delas, senão a maior, foi o encontro do criador com a própria criação. Trata-se do reencontro com a sua obra de arte, com o seu corpo, com a sua voz e a sua alma estudantil para o aprimoramento desses saberes.

Tal como aconteceu — e ainda acontece — com os intelectuais e artistas em épocas passadas, no "tempo de agora", em pleno século XXI,

nas canções estudantis ressoam as velhas preocupações com os antigos problemas do mundo moderno e com o nosso país. Isso por serem questões atuais na vida contemporânea (a escravidão, as guerras, a divisão, as desigualdades, a Constituição e as leis que regulam a ordem e as relações entre os indivíduos, a corrupção, a fome, a violência, a destruição, as crises, a inflação, as ruínas, as tragédias, a prostituição, os preconceitos, as injustiças, a favelização, as epidemias etc.), apenas com uma particularidade: eles vivenciam na pele estes acontecimentos em suas experiências cotidianas.

O mundo subjetivo, originário das lendas e das histórias de assombração que povoam o imaginário estudantil, também sobressai nessas artes e nas cantigas, em particular, ressaltando não o medo, as ameaças e o "peso da cruz" do viver, mas o desejo de preservação dessas práticas culturais, que permanecem acesas na memória, nas formas variadas de organização da vida e nas expressões de fé de um jeito de viver singular do povo brasileiro e baiano. Fundamentada em ideais e crenças, essa juventude canta as alegrias, os sonhos e as coisas singelas da vida, anunciando o "Alívio de nordestino", que corresponde tão somente à chegada da chuva, celebrada eternamente com festa, pelas maravilhas de frutos e pelo próprio amor que com ela renasce.

Com as suas criações artísticas, os estudantes fazem reflexões sobre várias temáticas (an-

No "tempo de agora", em pleno século XXI, nas canções estudantis ressoam as velhas preocupações com os antigos problemas do mundo moderno e com o nosso país

¹⁰ Tanto na fase regional como na estadual, após o processo de criação e de seleção das obras artísticas dos estudantes, realiza-se o curso preparatório do FACE e do TAL (no projeto AVE ainda não houve esta preparação dos estudantes para a exposição, embora eles também reivindiquem esse curso). Na fase estadual, este curso também foi desenvolvido pelas professoras do Geling e pela equipe de professores de música, canto e teatro, possibilitando o envolvimento dos estudantes com a literatura, a música e com outras formas de expressão artística.

tigas e contemporâneas) da realidade nacional, do Nordeste, do sertão e do mundo. Refletem sobre as coisas comuns e os dilemas que acontecem no dia a dia. Os acontecimentos históricos e culturais os levaram à criação de canções como *Adolescente fugitiva*, *Coisas que acontecem*, *Coisas difíceis de acreditar*, *Procurando pela paz*, *Cultura ameaçada*, dentre outras, deixando fortes impressões de uma maturidade forçada. Assim, o Brasil, com a mistura de "raças e cores" e os seus problemas sociais, econômicos e políticos, continua sendo uma fonte rica de inspiração dos estudantes, o que os deixa, de certa forma, "atormentado(s)".

Os antigos romancistas, artistas e compositores de nossa terra, assim como os da atualidade¹¹, com a sua poética e cantos, são fonte de inspiração dos estudantes. A partir desses referenciais, eles expressam suas visões sobre a sociedade e as paisagens que nos remetem à nossa formação histórica — Bahia, Porto Seguro, Pelourinho e Salvador — e à efervescência dos acontecimentos culturais resultantes da mistura das etnias (índios, portugueses e negros africanos) e, conseqüentemente, da mistura de ritmos e cores nesse território tão rico, vasto e múltiplo.

As distintas dimensões do "tempo", a intensidade, brevidade e velocidade, a lentidão e até mesmo a face do tempo parado, para uns, são retratadas por eles, ao constatarem que o tempo consiste em uma das invenções da modernidade que se opõem às coisas tradicionais e às brincadeiras de antigamente. Com ideias geniais, eles expressam a noção do tempo relógio, com a sua diferenciação e contradições em relação aos individuais, aos grupos geracionais, às regionais e aos distintos segmentos sociais.

As criações artísticas estudantis enfatizam a importância do "intercâmbio" cultural, e não uma divisão entre o campo e a cidade, entre as coisas das tradições rurais e a simplicidade da vida (os

objetos culturais, as belezas naturais — as flores e rios —, as comidas da roça, o aboio, as prosas, as cantigas, as danças do massapé, a chegada, o samba de roda, maculelês, os hábitos e costumes, o artesanato, as formas de crer, a dimensão mística do viver, os profetas e as profecias, as formas de trabalhar e de habitar) e as inovações urbanas da modernidade (as modas, as novidades da era informacional — internet, pendrive, telefone —, o patrimônio cultural e natural da cidade, juntamente com as artes e outras formas de manifestações culturais provenientes dos novos ritmos da cultura de massa (o axé, o arrocha, a quebradeira).

Diante dos problemas ambientais que enfrentam, nesses novos tempos, em função da destruição do mundo, do desmatamento e do "aquecimento global", da falta de ar, das "impurezas dos homens" e do mundo, eles reconhecem a falta do colorido do céu e da vida, que vem deixando "marrom" até mesmo o brilho dos olhos. Nessas canções, há um clamor para que haja uma consciência ecológica em defesa do planeta, esperando que "salve o planeta", considerando ainda que essa problemática não consiste em um fenômeno "natural", mas uma das facetas e expressões da busca pelo poder. Para eles, o processo de centralização do poder e a manipulação dos mais fortes, em relação aos demais segmentos sociais, são responsáveis pelos conflitos, pela destruição e pela falta de perspectiva em relação às mudanças de rumo da nação e da vida dos brasileiros.

Nessas canções, os estudantes baianos trazem e expressam a diversidade cultural, os seus variados interesses, gostos, estilos e preferências, além dos dilemas, desejos e sonhos específicos da juventude, ao abordarem questões diversas relativas à dimensão do "ser" e da vida cotidiana, das possibilidades do encontro, do envolvimento e da emoção do querer, ou seja, do velho exercício do amor. Assim, o canto sobre as mulheres acontece à luz da poesia, da pintura, dos ritmos, dos sons. A mulher, quiçá a musa, continua inspirando todas as linguagens artísti-

cas. E o desencanto do mundo e do amor pode ser visto em "Ana arranha-céu"¹².

Quando se referem à adolescência, há consenso entre eles de que essa questão merece destaque porque corresponde a uma fase específica no curso da vida, em que os jovens apresentam traços singulares que apontam limites e possibilidades, tornando-se possíveis múltiplas leituras do mundo e das emoções, na maioria das vezes contraditórias. Trata-se de período de transição, do fim de um tempo, o tempo de criança, e o começo das lutas e lutas, o tempo dos encontros e desencontros, dos caminhos e descaminhos, das descobertas, das aventuras e desventuras, o encontro com os obstáculos, as pedras, as fatalidades e as dores do caminho (as drogas, a falta de grana, a falta de união, os roubos, a ganância, a desconfiança, a insegurança e o ódio). Esse é, portanto, um tempo de angústias, jamais experimentado na infância, combinado ao tempo de busca de sentidos, onde eles, no jogo da vida, encontram-se motivados pelo desejo de paz e pela vontade de poder revolucionar e fazer o mundo mudar. Há canções que retratam determinadas individualidades, a dos meninos, ainda de pouca idade, que padecem pelas contradições culturais, os que não frequentam as escolas nem possuem brinquedos, e que dormem amedrontados sem segurança na vida que levam. Mas que, apesar da escassez e da escuridão, ainda brilham nas ruas ensinando a arte de brincar, mesmo brincando com "pedra".

Por se tratar do universo estudantil, a educação também se constitui objeto de interesse artístico de quase todos os estudantes, por identificarem o excesso de disciplinas, as dificuldades em adquirir tantos conhecimentos que aparentam

ser inatingíveis e, ao mesmo tempo, de grande importância para a vida. Eles sentem a necessidade de conhecimentos variados e históricos sobre os acontecimentos e os personagens da história mundial e local (Gandhy, Caminha, Zumbi, Virgílio Lampião, Antônio Conselheiro) e indicam ainda o esquecimento, por parte dos estudantes e de outros grupos, da importância dos estudos, entendendo que há uma "valorização da ignorância" e um certo desinteresse pelo conhecimento, fato que vem "prejudicando a nação". Assim, a escola, que poderia ser vista como o lugar do encontro e da proteção dos estudantes, torna-se o lugar da insegurança, da confusão e dos conflitos existentes na sociedade. Conseqüentemente, eles andam "Vacilando na escola".

Diante dos acontecimentos da vida cultural, essa juventude entoa as canções entendendo que já não vê mais belezas, só incertezas. A partir delas, questiona e, ao mesmo tempo, responde: onde estão as "belezas"? O que há, na vida, são incertezas e "indiferença". Além da perda dos sentimentos de esperança e de amor, surgem novos questionamentos: onde estamos? Onde nós erramos? O que deixamos de fazer? O que nos resta acontecer? Conforme a visão estudantil, nesse mundo caótico, restam somente dois sentimentos: a ira e a fé para lutar por esses valores essenciais à existência. Porém, o "amor capaz" é a "fonte de vida" e de transformação. Sendo assim, a mudança da realidade cultural "É possível".

Com modos específicos de percepção de si mesmos e do mundo, ou seja, com um jeito singular de ser e de viver, os estudantes criam suas artes com um olhar crítico sobre a sociedade, considerando-a "fria, calculista e insegura". Apresentam as suas ideias e ideais, que também traduzem os sonhos e as esperanças de qualquer jovem brasileiro, seja do campo ou da cidade, na medida em que eles imaginam poder "romper as fronteiras, saltar montanhas... alcançar a verdade, ter coragem e ação" e, assim, "nossa sociedade ganha educação, vamos sonhar...". Fazendo seus troca-

¹¹ Castro Alves, Dorival Caymmi, Jorge Amado, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Betânia, Gal Costa, Armandinho, Margareth Menezes, Carlinhos Brown, Olodum e Chiclete com banana.

¹² Tanto no *Cançãoiro I e II* como na *Poética* e no *Catálogo estudantil*, há um tipo de criação artística que nos remete ao romantismo, quando a temática sobre o amor e a falta dele é abordada. Eles retratam, inclusive, o seu amor pela natureza e pelos encantos e magias do mar e dos rios, dado o fascínio que estes exercem sobre o destino e a sorte dos homens, especialmente aqueles que são movidos por essas águas, ora salgadas ora doces, e pelas marés, sejam elas altas ou baixas, cheias ou vazantes. Tal como ocorreu com o advento da modernidade, em que o romântico caiu de moda, há os que preferem nem comentar sobre o amor, por considerarem que esse não é mais um tema interessante nos dias atuais.

dilhos, eles apontam que são sujeitos da história e compreendem que, verdadeiramente, "o povo é o predicado que merece respeito".

Não se trata apenas de criações artísticas. Ao contrário, são leituras do mundo e lições que chamam a atenção para o viver e para o exercício das motivações essenciais à vida e à morte. Essas leituras apresentam conceitos e saídas para o enfrentamento do mundo contemporâneo, através de noções de amizade, verdade, justiça, grandeza, franqueza, fé, perdão, gratidão, paciência, consciência, democracia, paz, liberdade e direitos sociais, em especial o direito de sonhar, como evidenciados em *Canção de vida e morte* e *Zumbi*. Diante das impossibilidades, das invasões, da incerteza e da imprevisibilidade, ainda há tempos e lugares para a esperança e para os sonhos, e não basta aceitar a realidade e as promessas. É tempo de artes literárias, musicais e das artes visuais na educação baiana. "Ainda há paraíso".

A experiência com o FACE tem revelado as múltiplas faces e os traços dessa diversidade socio-cultural e musical de uma terra que encanta com o colorido variado de sua gente, de seus ritmos e cantos, que entoam canções, embalando as expressões de um "mundo cão", ou melhor, do mundo da vida, com todas as suas facetas. Ali estão as tristezas, os lamentos, os "vacilos", os tormentos, as agonias, as sinas, os problemas sociais e ambientais, a indiferença, os protestos, as lutas, a natureza, as cores, as belezas, as interações e o intercâmbio cultural, a esperança e as possibilidades, as ideias de salvação e de fé, as dimensões do tempo e do amor, que emanam da alma dos estudantes da Bahia de todos os santos e axés.

Praticamente não há distinção em relação aos conteúdos das canções e das outras obras artísticas. O que muda, tão somente, é a sua forma de expressão. Portanto, assim como ocorre com as composições do FACE, nas criações literárias, fruto da experiência no projeto TAL, os estudantes retratam o mundo e o tempo presente, as lutas, as labutas e a coragem para o enfrentamento do

mundo contemporâneo, sem perder de vista os horizontes e o infinito, os caminhos, os mitos, os sonhos, a liberdade e o futuro. Ao mesmo tempo, eles revelam as múltiplas faces e os traços da diversidade social e artístico-literária (a poesia, a prosa, o cordel, o conto, o teatro, a crônica, a novela, o ensaio, o romance, a ficção) de nossa terra e os olhares, a imaginação, a alma, a vocação e as expressões dos estudantes baianos.

Em sua poética, o Brasil, o Nordeste, o sertão e o sertanejo também são objeto de interesse desses pequenos literatos. Assim, eles manifestam preocupações com o país, com as desigualdades, as injustiças e a fome, que se expressam tanto na cidade como no campo, nos acontecimentos marcados pelos sofrimentos e nos problemas de solidão, abandono, tristeza, vazio, ausência, saudade, silêncio e sombras. As formas de encantamento do mundo são abordadas, pois eles se interessam pela beleza e doçura da vida e pelas relações dos homens e a natureza (o mar, os rios, a lua, o sol, as estrelas, as matas, as flores, os animais, as aves e as borboletas), seja em dias alegres e felizes, seja em outras estações, nos dias enuviados, deixando impresso, nas entrelinhas e na alma, o gosto pelos saberes literários, pela justiça e pelo preenchimento das carências.

Por vários caminhos e fazendo o uso de saberes e técnicas variadas, melhor dizendo, com suas artes visuais, eles retratam a riqueza da vida cultural da Bahia, revelando o mundo com sua beleza, oriunda da natureza e do cotidiano da vida social, ou seja, das cenas e cenários da vida urbana e rural, das expressões de lugares reais e imaginários, do ambiente escolar e do mundo do conhecimento e das manifestações culturais da diversidade social (os distintos tipos sociais, os negros, os índios, os mestiços, as mulheres, o corpo e a sedução).

As artes visuais dessa juventude estudantil retratam o viver em sua grandeza, em sua totalidade, à luz das contradições, das desigualdades e da destruição do mundo, sob o signo do capitalismo, e dos protestos diante das modificações dessas paisagens. Suas obras são o retrato da vida mate-

rial (a escravidão, a crueldade e a tirania dos poderosos) e da idealidade (os sentimentos, os desejos, os sonhos, as "viagens" e as visões), na perspectiva do encontro com a criação e com novos caminhos e horizontes. Em suma, as artes estudantis revelam os seus autorretratos e as histórias vividas com toda expressão do colorido da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, as questões em torno da história, da cultura, da juventude, da escola e da arte (musical, literária e visual) nos processos educativos não são inovadoras. Ao contrário, já estavam postas, há muito tempo, por autores variados, estrangeiros ou nacionais, que chamam a atenção para a necessidade de releitura dos acontecimentos históricos e culturais da sociedade e de uma compreensão ampliada de educação. Contudo, não bastam apenas especulações conceituais sobre essas temáticas. Faz-se necessária uma espécie de imaginação que reconheça essas questões como parte do contexto da vida real, dos homens reais e de suas relações sociais, combinadas ao exercício das práticas culturais para torná-las uma realidade concreta. Assim, o ponto de partida central do problema educativo refere-se àquela velha questão da consciência de si e da posição social que se ocupa na construção de uma nova sociedade democrática, como afirmou Lukács (2007, p. 63), quando considera que "[...] o homem social novo se forma ao mesmo tempo em que constrói a nova sociedade".

Historicamente, a escola é vista como o lugar do encontro, inclusive, de gerações; o lugar dos relacionamentos, o lugar da convivência e da experiência de criação e recriação do mundo. A partir dessas experiências culturais, sob a ótica estudantil, tendo a arte como função organizativa e educativa, poderemos refletir sobre as práticas educativas contemporâneas e, até mesmo, repensar a nossa história cultural e o rumo da sociedade em que vivemos. Em suas visões, reencontramos

os velhos questionamentos: quem são esses sujeitos de direito? Qual tipo de formação necessitamos? Quais as políticas culturais que queremos construir não mais para a juventude, mas com ela? Que sociedade queremos? E não basta apenas encontrarmos as respostas.

Com estes projetos, a expectativa é a de que as práticas culturais se generalizem nos contextos escolares, não apenas a partir de disciplinas específicas, mas articuladas a outras práticas já existentes e às demais disciplinas (Matemática, Português, Geografia, Sociologia, História, Arte, entre outras). A partir daí, será possível pensar em um novo modelo de educação integral associado às necessidades e às condições reais, de modo que aconteçam mudanças efetivas no processo educativo e em nossa realidade cultural. A educação não se limita a questões simplistas e à busca de taxas e índices mais elevados, mas à totalidade dos modos de viver de sua gente.

Em tempos pós-modernos, não se pretende a "espetacularização" da escola, mas torná-la mais interessante, dado o atual desinteresse e o apelo da vida social em esfera mundial. Espera-se que se desenvolvam, em níveis cada vez mais ampliados, métodos que conduzam à reflexão sobre as relações entre o indivíduo e a sociedade, a educação e a cultura, assim como sobre a arte de educar e de viver. Assim, compete ao Estado desenvolver políticas culturais fundamentadas em um novo modelo de educação — com novos métodos que questionem, inclusive, as velhas concepções que defendem a superioridade do conhecimento científico em detrimento de outras formas de conhecimento (filosófico, estético, religioso, entre outros) —, estruturado com base na criação artística e cultural. Dessa forma, se poderá reinventar e cultivar o mundo e o belo, produzir novas relações para o encantamento, a sedução e a comoção dos indivíduos para o exercício dessa convivência e para o fortalecimento dos laços de solidariedade, diante do esfacelamento do social. A partir daí, quem sabe, será possível imaginar a possibilidade do exercício de participação social e de direito efetivo à educação e à cultura.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. *Princípios e eixos da educação na Bahia*. Salvador: SEC, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/lindice.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2009.
- _____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 3 jul. 2007.
- _____. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/>>. Acesso em: 3 fev. de 2009.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- GULLAR, Ferreira. *Sobre arte sobre poesia: uma luz no chão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.
- LUKÁCS, Gyorgy. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- MORAES, J. Jota de. *O que é música*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- ROMERO, Silvío. *Realidades e ilusões no Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1979.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- STRECK, Danilo R. *José Martí & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Pensadores & Educação).
- TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação e o mundo moderno*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

Artigo recebido em 14 de junho de 2010
e aprovado em 27 de julho de 2010.